



*Enfrentando o Julgamento*

*Estais Prontos?*

# Enfrentando o Julgamento

## Estais prontos?

F.T. WRIGHT

### Declaração de Propósito

Esta publicação foi preparada a pedido. Com crescente força está sendo disseminada a doutrina que a perfeição de vida e carácter não é necessária nem possível antes do segundo advento de Cristo. Os argumentos são bem formulados, e, para muitos, inteiramente convincentes. Consequentemente, temos sido abordados com o apelo para fazer uma apreciação adequada destes pontos de vista de modo que tanto a mente do inquiridor como daqueles a quem levem a verdade possam ficar esclarecidos sobre este assunto. Este pequeno livro representa uma tentativa para satisfazer essa necessidade.

É necessário salientar que o assunto tratado nesta publicação, é a *condição de carácter* à qual o crente deve chegar a fim de passar o escrutínio investigador do julgamento. Não é o debate (excepto para fazer um ponto de contraste e distinção aqui e ali) do registo dos pecados do passado. É claramente reconhecido que, sem excepção, cada pessoa virá ao julgamento com uma história de pecados cometidos para a qual necessita da cobertura da justiça de Cristo imputada.

Não há controvérsia acerca deste ponto. É também tão reconhecido e aceite que será tomado com se lê nesta publicação. O debate é a respeito do *estado* ou *condição* em que cada pessoa tem que estar *dentro de si mesma* quando enfrentar o exame escrutinador do julgamento. É somente acerca desta questão que este estudo é escrito. Se o leitor mantiver isto claramente em mente, não haverá possibilidade de acusar esta obra de fazer um lado da questão o seu todo.

A doutrina da perfeição de carácter como requisito para passar o julgamento, é uma doutrina que alguns verificam ser desencorajadora. Eles respondem sentindo que não têm esperança de alguma vez ver o Céu se este for o caso. Mas este problema desaparece quando é compreendido que a perfeição de carácter não é uma exigência maior que Deus

nos faz do que o que Ele nos *oferece*. Ele é Aquele que, através do ministério do Seu Filho, nos tomará e nos fará perfeitos em todos os aspectos.

“Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumprilas-á para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça.” *O Maior Discurso de Cristo*, 76.

Portanto, o padrão da perfeição requerido no julgamento, devia encher todo o crente com inspirado entusiasmo à medida que vê as grandes coisas que o Senhor fará por Ele. Longe de ser uma mensagem de desespero é, embora solene, uma mensagem de esperança e alegria.

# Enfrentando o Julgamento

## *Estais Prontos?*

Vamos enfrentá-lo!

Essa é a pergunta mais importante que pode ser feita. Ao lado dela, todas as outras perguntas são insignificantes. “O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame.” *O Grande Conflito*, 490.

“Cada um deve ser provado.” *Idem*. Ninguém pode escapar ao seu examinador escrutínio pelo qual o destino eterno de cada um será determinado. É um assunto não apenas de vida ou morte mas de vida *eterna* ou morte *eterna*. Portanto, não pode haver questão de tão crucial importância como esta “Estou eu preparado para enfrentar o julgamento?”

Todavia, apesar da grande importância que esta questão tem, ela não pode ser respondida a menos que exista primeiramente uma compreensão daquilo que o julgamento requererá, o que significará estar preparado para ele, e em que condição o candidato deve estar, a fim de passar o seu profundo exame.

*Exactamente o que requererá ele?*

Há só uma autoridade pela qual essa pergunta pode ser satisfatória e definitivamente respondida – a Palavra de Deus. É para esse Testemunho que o apelo será aqui feito. Verificar-se-á que o testemunho dado será compreensivo e preciso, não deixando dúvida acerca do padrão a atingir.

A primeira referência é *Mateus 22:11-14*.

“E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem, que não estava trajado com vestido de núpcias.

“E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu.

“Disse então o rei aos servos: ‘Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

“‘Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.’”

Não somos deixados à mera suposição humana acerca do que estes versículos significam. Em *Parábolas de Jesus*, 310, é dado o comentário inspirado para nos informar que a parábola pretende ensinar a *condição* espiritual daqueles que passarão com sucesso o julgamento.

“O exame dos comensais pelo rei representa uma cena de *juízo*. Os convivas à ceia do evangelho são os que professam servir a Deus, cujos nomes estão escritos no livro da vida. Nem todos, porém, que professam ser cristãos, são discípulos verdadeiros. Antes que seja dada a recompensa final, precisa ser decidido quem está *apto* para participar da herança dos justos. Essa decisão deve ser feita antes da segunda vinda de Cristo, nas

nuvens do céu; porque quando Ele vier, o galardão estará com Ele ‘para dar a cada um segundo a sua obra’. Apocalipse 22:12. Antes da Sua vinda o carácter da obra de cada um terá sido determinado, e a cada seguidor de Cristo o galardão será concedido segundo seus actos.” (PJ 165.4), *Parábolas de Jesus*, 309, 310.

“A mesma figura do casamento é apresentada na parábola do capítulo 22 de Mateus, onde *claramente se representa o juízo de investigação* como ocorrendo antes das bodas. Previamente às bodas vem o rei para ver os convidados, a fim de verificar se todos têm trajes nupciais, vestes imaculadas do *carácter* lavado e embranquecido no sangue do Cordeiro. O que é encontrado em falta, é lançado fora, mas todos os que, sendo examinados, se verificar terem vestes nupciais, são aceitos por Deus e considerados dignos de participar de Seu reino e assentar-se em Seu trono. Esta obra de exame do carácter, para determinar *quem está preparado* para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final no santuário do Céu.” (GC 428.1), *O Grande Conflito*, 426, 427.

Notemos os pontos estabelecidos nestes parágrafos:

1. O exame por parte do Rei aos comensais é o juízo de investigação que tem lugar antes do segundo advento.
2. Os convidados examinados são os que professam servir Deus. Os ímpios não estão aqui incluídos.
3. A obra desse julgamento é determinar – não os que *devem* ser preparados para o reino – mas aquele que “... está *apto* para participar da herança dos justos” (PJ 165.4) *Parábolas de Jesus*, 310; “... quem está *preparado para o reino de Deus*” *O Grande Conflito*, 427; aquele em quem a obra do evangelho foi finalizada” A.T. Jones, *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 118.
4. A aptidão é simbolizada pela posse da veste nupcial.
5. Essa veste tem que estar no candidato quando o Rei entrar. Isto quer dizer que a veste não é colocada *durante* o julgamento, mas antes dele, de modo que, *quando* o Rei entrar e não num momento posterior, o candidato deve ser encontrado com essa veste. De facto, o propósito deste exame é ver se a veste nupcial está vestida.
6. Quando o Rei entra, tem apenas uma consideração em mente – tem cada convidado a veste nupcial vestida? Se assim é, não há problema, mas, se não, então essa pessoa é lançada nas trevas exteriores para sempre. Portanto, a permanência dos convidados na festa das bodas depende de estarem vestidos com a veste nupcial.

Consequentemente, a única oportunidade para adquirir a veste nupcial é antes do rei entrar, que na vida real, é o início do juízo investigativo. Esta é uma obra que diz respeito a todo o que ganhará a vida eterna, e deve ser executada agora. Não pode nem deve ser adiada.

Como a passagem no julgamento está condicionada à posse da veste nupcial, é vital saber o que a veste é realmente, o que significa usá-la, e como pode ser obtida.

Da Palavra, pelo Seu Espírito, devemos fazer essa pergunta, e pela Palavra, através do Seu Espírito, devemos encontrar a resposta tão clara e distintamente que o saberemos com exactidão. Voltamos a nossa atenção para o primeiro exemplo em *Apocalipse* 19:7, 8.

“Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou.

“E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos.”

Aquilo em que uma noiva está ataviada é uma veste nupcial que é aqui descrita primeiramente como linho fino, puro e branco, e em segundo lugar como a justiça dos santos. Notai que é a *sua própria* justiça, embora nem por um momento sua pelo seu próprio esforço. Nem é deles por a terem ganho, desenvolvido, ou merecido. Oh, não! Mas apesar disso é sua.

Originalmente e sempre é a justiça de Deus, o Seu carácter, as Suas obras. Ele tem o perfeito direito e o total desejo de dar isto a quem quer que Ele queira, desde que eles o aceitem. Os Seus filhos são aqueles que com alegria recebam o tesouro oferecido, desse modo tornando-se sua possessão de maneira que pode ser verdadeiramente dito que eles são justos *em* si mesmos embora não *de* si próprios. Inicialmente, o crente recebe esta justiça imputada e concedida na experiência do novo nascimento. Então entra na escola de Cristo, onde o seu desenvolvimento espiritual é continuado até ao objectivo da total pureza. Quando a compreensão total da profundidade for atingida, juntamente com a total *renúncia* do mal, então a obra de Cristo está feita e Ele pode apresentar ao Pai no julgamento a Sua obra feita no homem, “sem mancha, ou ruga, ou coisa semelhante”.

Aprendemos mais acerca da natureza da veste nupcial em *Parábolas de Jesus*, 310, (PJ 165.4).

“Pela veste nupcial da parábola é representado o carácter *puro e imaculado*, que os verdadeiros seguidores de Cristo *possuirão*. Foi dado à igreja ‘que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente’, ‘sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante’. Apocalipse 19:8. O linho fino diz a Escritura, ‘é a justiça dos santos’. Efésios 5:27. A justiça de Cristo, Seu próprio carácter imaculado, é, pela fé, comunicado a todos os que O aceitam como Salvador pessoal.”

Estamos habilitados a pensar nesta justiça de Cristo não como sendo um “carácter puro, imaculado” que *devemos possuir*, mas como algo imputado, creditado, ou colocado na nossa conta como uma cobertura para a nossa pecaminosidade. Mas não podemos usar isto como um manto para qualquer pecado conhecido. Longe disso. É verdade que a justiça imputada de Cristo cobre os nossos pecados desconhecidos, mas logo que eles nos são revelados, então é nosso privilégio e dever repousar no poder do evangelho para os remover.

“Mas embora Deus possa ser justo e ao mesmo tempo justificar o pecador, pelos méritos de Cristo, homem algum pode cobrir sua alma com as vestes da justiça de Cristo, enquanto comete pecados *conhecidos*, ou negligencia *conhecidos* deveres. Deus requer a completa entrega do coração, antes que possa ter lugar a justificação; e para que o homem conserve essa justificação, tem de haver *obediência* contínua, mediante activa e viva fé que opera por amor e purifica a alma.” *Mensagens Escolhidas* 1:366.

Dia a dia o conhecimento do crente acerca da justiça de Deus está a avançar. Isto por sua vez examina o coração, progressivamente reduzindo a quantidade de pecados

conhecidos na vida. Por altura em que o verdadeiro filho de Deus vem ao julgamento dos vivos, esta obra estará completa de modo que nenhum pecado escondido de qualquer espécie é deixado na vida. Ele enfrentará o julgamento possuindo um puro, imaculado carácter no completo sentido da palavra. Lembrai-vos sempre que a verdadeira justiça é que esse *bem* praticado que é o resultado de um ser *justo*. “Filhinhos,” dizem as Escrituras, “que ninguém vos engane: o que *pratica* a justiça é justo, assim como Ele é justo”. *1 João* 3:7. O que *pratica* a justiça como fruto de ser *justo* é justo. Somente então, como um praticante da justiça, o possuidor de um puro, imaculado carácter, está vestido com a veste nupcial.

Este ponto é ainda mais salientado em *Parábolas de Jesus*, 312, (PJ 167.1). “Por Sua obediência perfeita tornou possível a todo homem obedecer aos mandamentos de Deus. Ao nos sujeitarmos a Cristo nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; *vivemos Sua vida*. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça. Quando então o Senhor nos contemplar, verá não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestes de justiça que são a *obediência perfeita à lei de Jeová*.”

Este testemunho plenamente nos diz o que significa estar vestido com a veste da Sua justiça. Isto é:

- Ter o coração *unido* com o Seu coração, que é ser na verdade “um participante da natureza divina”, e assim ser trazido à unidade com Ele;
- Ter a sua vontade *ligada* à Sua;
- Ter a mente transformada *numa* com a Sua mente;
- Ter mesmo os pensamentos em *submissão* a Ele.

E tudo isto está resumido nesta única frase, “vivemos a Sua vida”.

“Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça... que são a *obediência perfeita à lei de Jeová*.” *Parábolas de Jesus*, 312.

Isto não é uma obediência por substituição — uma obediência que outra pessoa presta em vez de nós de maneira a sermos libertos da obrigação da obediência perfeita. Isto de modo algum é assim! É “obediência perfeita à lei de Jeová” da *nossa parte*. Nenhuma outra conclusão podia ser tirada do contexto deste testemunho, e ninguém que conheça o poder salvador do evangelho como uma *experiência pessoal viva*, pensaria em tirar qualquer outra conclusão. Só os que *não* conhecem o poder de Deus para os salvar dos seus pecados, e continuam a querer um lugar no Céu, procurarão encontrar qualquer outra norma. Há muitos desses ensinadores espalhados actualmente, e cada um está avançando para o objectivo com uma teoria mais inteligente e plausível à medida que o tempo passa.

“Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo.

“E não é maravilha, porque o próprio Satanás, se transfigura em anjo de luz.

“Não é muito pois que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça: *o fim dos quais será conforme as suas obras*.” *2 Coríntios* 11:13-15.

Assim, em termos explícitos, é plenamente declarado que estar trajado de vestes nupciais quando o Rei entrar, é estar vivendo a Sua vida que é a perfeita obediência à lei de Jeová. Isto significa exactamente o que diz.

Isto é como tem de ser na própria natureza da situação como ela aparece. Perfeição sem pecado é a condição da vida eterna no Céu ou no Éden. O homem caiu daquele estado e por isso perdeu o seu lar no Éden. Simplesmente conclui-se então que para readquirir o lar, ele tem que ganhar novamente esse estado de perfeição sem pecado. Ver *Caminho a Cristo*, 62. Como a própria obra e propósito do julgamento é determinar quem, entre as vastas multidões dos habitantes deste mundo, ganhou a preparação para entrar no Céu. Ver *Parábolas de Jesus*, 310, (PJ 165.4); *O Grande Conflito*, 428. Segue-se que esse estado de perfeição sem pecado deve ser readquirido através das provisões feitas pelo Céu, *antes* do juízo se assentar.

Se alguém levantasse o argumento que “o julgamento não determina quem alcançou a completa maturidade da perfeição da alma”, que é a condição da aptidão para entrar no reino, seria silenciado pela plena, clara Palavra da Verdade: “Esta obra do exame do carácter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final no santuário do Céu.” *O Grande Conflito*, 427. O testemunho claramente diz que o julgamento determina quem *está preparado*, não os que devem receber qualquer obra de preparação posterior.

Outra vez: “Cada um deve ser provado, e encontrado (não feito) sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.” *O Grande Conflito*, 490; Comparai com *Parábolas de Jesus*, 310.

Isto é ainda mais claramente visto quando uma pessoa compreende o concerto que o Pai e o Filho fizeram em favor do homem. Esse concerto foi formado antes de terem sido lançados os fundamentos da Terra.

“Antes de serem lançados os fundamentos da Terra, foi feito o concerto de que todos os que fossem obedientes, todos os que, por meio da abundante graça provida, se tornassem santos no carácter e sem culpa diante de Deus, apropriando-se dessa graça, seriam filhos de Deus. Este concerto, feito desde a eternidade, foi dado a Abraão centenas de anos antes da vinda de Cristo. Com que interesse e com que ardor Cristo na humanidade estudava a raça humana para ver se eles se apoderariam da provisão oferecida!” *Fundamentos da Educação Cristã*, 403.

E foi ratificado imediatamente após a morte e ressurreição de Cristo.

“O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra, e cumprir Sua promessa de que 'o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado de Ofir'. Isaías 13:12.” *O Desejado de Todas as Nações*, 759, (DTN 559.1).

Aqui então está plenamente estabelecido perante nós o facto que há o mais solene concerto acordado entre o Pai e o Filho e, o mais importante, os termos desse acordo. Tanto a parte do Pai como a do Filho são mostradas claramente.

O Pai entrou no mais solene concerto com o Filho que Ele, o Pai, aceitaria homens *arrependidos e obedientes*. Apenas esse tipo de homens serão aceites por Ele. Isso significa

um arrependimento e uma obediência que passarão no Seu penetrante escrutínio. O Pai reconhecerá apenas um padrão como capaz de ser admitido no Seu reino, e esse é a perfeita obediência sem pecado.

Portanto, a parte de Cristo no concerto é produzir *essa espécie de homens* para exame e aceitação do Pai. Isto é tão claro como isso. Notai isto nas palavras do testemunho atrás:

“Cristo devia completar a Sua obra, e *cumprir Sua promessa de que ‘o varão será mais precioso que o ouro.’*”

Assim com este objectivo em vista, d’Ele é dito:

“E assentar-Se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata: então ao Senhor trarão ofertas em justiça.” *Malaquias 3:3.*

Na refinação da prata, o processo de purificação é levado avante até que o artífice possa olhar a superfície fundida do metal e veja a sua imagem perfeitamente reflectida ali, sem uma única partícula de impureza a desfigurar a imagem. Tal como é aqui, também é assim na obra de Cristo. Dia a dia Ele continua o processo de refinação. Por fim, “Quando o carácter de Cristo se reproduzir *perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus*”. *Parábolas de Jesus, 69, (PJ 29.2).*

Cristo é *capaz* de cumprir a Sua parte do concerto e Ele *cumpri-la-á*. No julgamento Ele apresentará para o mais profundo exame as vidas daqueles que fielmente cooperaram com Ele. Serão as suas vidas que vão ser examinadas; as *suas* obras que serão provadas; o *seu* carácter que será pesado. Ninguém, nem mesmo o próprio Cristo, se porá no seu lugar para ser examinado em vez do crente.<sup>1</sup> O Salvador não tem receio que a Sua obra falhe no teste do julgamento. Ele sabe que a vida e carácter que é transmitido ao Seu povo passará no escrutínio mais profundo. Ele sabe que cumpriu a Sua parte do concerto e que portanto o Pai aceitará aqueles que Ele Lhe apresenta. Eles foram preparados para o eterno reino do Céu. O seu lugar está assegurado.

É por causa do evangelho ser o poder de Deus para salvar do pecado; é por causa de todos os poderes do Céu, que são infinitamente maiores do que os poderes do pecado, estarem orientados para salvação do homem; e é por causa de Jesus ter solenemente prometido e solene e totalmente dedicado a Si mesmo à transformação de cada pessoa má que o deseje, numa pessoa apta para o reino; que o Pai tem todo o direito, quando vier de inspeccionar os convidados, esperar encontrá-los com as vestes nupciais. Portanto, nada menos aceitará do que a perfeita obediência à Sua lei que necessita que eles sejam possuidores em si mesmos, não de defeituoso, mas de puro e imaculado carácter.

---

<sup>1</sup> O leitor deve lembrar-se de que este estudo está a discutir o *estado* de perfeição em que o crente se deve encontrar quando o julgamento vier. Não está a discutir os registos dos pecados cometidos. No que diz respeito a este aspecto, nenhuma pessoa chegará com um passado justo, e portanto, todos precisarão da justiça imputada de Cristo para cuidar da sua necessidade. No que respeita ao passado, Cristo ficará no lugar do pecador e oferecerá a Sua perfeita justiça em lugar das vidas manchadas dos Seus filhos. Este é o outro aspecto do julgamento e deve manter-se distinto da perfeição pessoal do carácter a ser alcançada nessa altura. No que diz respeito ao exame de qual é o estado da pessoa nessa altura, é ela que será examinada, não outra pessoa em seu lugar. Cristo apresentar-nos-á ao Pai como a Sua obra acabada, não como algo que Ele tem que substituir.

Falhar em ser encontrado nessa condição resultará na eterna expulsão do reino de Deus. Portanto, nada menos do que imaculada perfeição é a condição na qual o julgamento deve encontrar cada pessoa *quando* o rei vier, como lemos: “Cada um deve ser provado, (pelo julgamento, quando rei vier), e achado (não tornado) sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.” *O Grande Conflito*, 490.

Qualquer alma honesta reconhecerá que isto não deixa espaço para a teoria que podemos ir ao julgamento ainda com um carácter defeituoso.

Para uma pessoa nesta condição não haverá mais purificação do pecado, nem mais libertação da sua escravidão. No momento em que o nome de qualquer dos justos vivos é chamado no julgamento, a obra de purificação nele terá sido completada. Portanto, o julgamento faz muito pelo crente mas nada nele. As duas coisas não devem ser confundidas.

Que fique para sempre estabelecido que a Palavra de Deus ensina que há apenas um processo de purificar a alma do pecado, e esse é *antes* do julgamento. Não há purificação efectuada depois.

“Quando Ele vier não vem para purificar-nos dos pecados, para remover de nós os defeitos do nosso carácter, ou para nos curar das fraquezas dos nossos temperamentos e disposições. Se efectuada em nós, essa obra será realizada antes desse tempo. Quando o Senhor vier, aqueles que já são santos continuam santos. Aqueles que preservaram os seus corpos e espíritos em santidade, em santificação e honra, receberão então o toque final da imortalidade. Mas aqueles que são injustos, não santificados, e impuros assim permanecerão para sempre. Nenhuma obra será então feita por eles, para remover os seus defeitos e lhes dar um carácter santo. O Purificador não prosseguirá a Sua obra de purificação e remoção dos seus pecados e da corrupção. *Tudo isto tem que ser feito durante o tempo de graça*. É agora que esta obra deve ser realizada em nós.” *Testimonies*, 2:355.

Este testemunho precisa de pouco comentário. Não deixa espaço para a teoria que parte da obra é feita *depois* da porta da graça fechar. Considerai por um momento em quando acabar o tempo de graça para um homem. Para aqueles que morrem antes do julgamento dos vivos acaba no momento da morte. Para os que vivem durante o julgamento termina quando os seus nomes forem chamados para investigação. Depois segue-se o exame de cada caso, a decisão sobre ele, e por fim a execução da decisão. O nome ou permanecerá no livro da vida ou será retirado dele.

*Toda* a purificação do pecado, *toda* a remoção dos nossos defeitos de carácter, toda a cura das enfermidades dos nossos temperamentos e disposições, tem que ser feita *agora nestas horas de graça*. Isto não deixa nada para depois das horas de provação terem terminado, o que acontece no momento em que os nossos nomes são chamados para julgamento.

Se é assim, conclui-se então que o processo de purificação é uma experiência diária “...realizar-se-á em nós a obra que é necessária *para nos dar a aptidão moral para o reino da glória* e para a sociedade dos anjos celestes”. Deve concluir-se que dia a dia – não dia a dia mais alguma obra especial no futuro – enquanto nos estabelecemos na santificadora

verdade de Deus, ela limpar-nos-á de *toda* a imperfeição e pecado, *seja de que natureza for*, de modo que não haverá necessidade ou ocasião para qualquer purificação especial no julgamento.

Isto é precisa e exactamente o que este testemunho continua dizendo. Continuamos a ler em *Testimonies* 2:355, 356.

“Abraçamos a verdade de Deus com as nossas diferentes faculdades, à medida que ficamos sob a influência dessa verdade, realizar-se-á em nós a obra que é necessária *para nos dar a aptidão moral para o reino da glória* e para a sociedade dos anjos celestes. Estamos na oficina de Deus. Muitos de nós somos pedras não trabalhadas da pedreira. Mas à medida que nos formamos na verdade de Deus, a sua influência afecta-nos. Ela eleva-nos e remove de nós *toda* a imperfeição e pecado, *seja de que natureza for*. Assim somos preparados para ver o Rei na Sua beleza e finalmente para nos unirmos com os puros e celestes anjos na glória. É *aqui* que esta obra deve ser realizada em nós, é aqui que o nosso corpo e espírito devem ficar aptos para a imortalidade.”

Que mensagem poderia ser mais clara do que esta: “Oportunidade é-vos agora dada para melhorar e vos tornardes perfeitos *deste* lado do julgamento.” *The Review and Herald*, 12 de Abril 1870.

Estas palavras significam exactamente aquilo que dizem. Cabe-nos a nós aceitá-las tal como as lemos, e ver nelas, não as impossíveis exigências de um Deus justo, mas a gloriosa esperança da perfeita justiça que Ele nos oferece a todos.

Ele disse-nos precisamente aquilo que espera de nós. Poderíamos pensar acerca de Deus como um ser que exigiria o impossível? Nunca! Aquele que tem todo o poder no Céu e na Terra, “tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-las-á para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça.” *O Maior Discurso de Cristo*, 76.

O grande pecado que jaz à porta da igreja em cada geração é a incredulidade. *Hebreus* 3. Foi por isto que ela falhou uma e outra vez, e se falharmos no julgamento, será porque não acreditámos explícita e absolutamente nos mandamentos e promessas de Deus que a obra será feita em nós, por nós, e através de nós.

Este aspecto prático de *como crer* está tratado noutras publicações, *Da Escravidão para a Liberdade, Justificado pela Fé, Confissão Aceitável, Desperta para a Justiça, Os Três Templos, Vivendo em Justiça*, do mesmo autor.

Mas por agora, queremos chegar ao ponto em que veremos verdadeiramente que quando o rei vier, temos que ter essas vestes nupciais que é plenamente mostrado ser:

- A justiça dos santos; *Apocalipse* 19:8.
- Que é a justiça de Cristo, o Seu próprio carácter imaculado; *Parábolas de Jesus*, 310, (PJ 165.4).
- Que é o puro, imaculado carácter que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão. *Idem*.
- Que é na realidade viver a Sua vida; *Idem*, 312 (PJ 167.1.)
- Que é perfeita obediência à lei de Jeová; *Idem*.

- Que é ser provado e ser achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante; *O Grande Conflito*, 490.
- Que é, sob exame, encontrado *preparado* para o reino de Deus; *Idem*, 427.
- Que é ser provado e achado preparado para partilhar a herança dos santos; *Parábolas de Jesus*, 314, (PJ 165.1.)

Ser achado com outra coisa, ou menos do que isto, ou ainda se fosse possível, apenas com uma parte disto, mesmo que fosse uma grande parte, somente pode significar que o rei diria de vós aos Seus servos, “Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes”. *Mateus 22:13*.

## Esta Lição Como Ensinada No Serviço do Santuário

Entre as muitas lições vitais que Deus proveu que o santuário ensinasse, está a verdade que a perfeição de carácter é o requisito do julgamento.

Havia dois tipos principais de serviço com o fim de remover o pecado do povo. O primeiro era o diário, e o segundo o anual. O compreensivo estudo destes ultrapassa o alcance deste pequeno volume que diz respeito ao importante ponto, que o diário se destinava a remover o pecado do povo e colocá-lo no santuário, enquanto o serviço final servia para remover esses *mesmos* pecados do santuário e colocá-los sobre o bode expiatório.

O único período durante o qual os pecados podiam ser tirados das pessoas era durante o ministério diário. Uma vez terminado esse e começado o serviço do grande dia de expiação, não havia provisão, e portanto não havia possibilidade de qualquer pecado ser tirado do indivíduo. Consequentemente, qualquer pecado que ainda permanecesse em qualquer pessoa depois do serviço anual começar, tinha que ficar nela para sempre. Era por isto que a pessoa nesta situação era expulsa do acampamento e jamais podia voltar.

Aquilo que era verdade no típico tem igual força no antitípico. À medida que Cristo ministra o serviço diário no santuário celestial, todo o verdadeiro crente, enquanto ainda está vivo e o julgamento dos vivos ainda não começou, pode enviar e enviará os seus pecados para o santuário celestial. Esta é a única oportunidade para o fazer. Mas quando o seu nome for chamado a julgamento, então cada pecado que ele conhece e falhou em afastar de si, tem que permanecer nele para sempre. Não há maneira possível pela qual ele possa então ser removido porque a indicada e única provisão para isto terá acabado para essa pessoa. Essa infeliz alma tem que perecer, pois onde quer que vá, o seu pecado, que é uma parte inseparável de si, também vai. Uma vez que o pecado não pode entrar no Céu, então também ela não pode, pois levá-lo-ia consigo. Assim, ter-se-á colocado fora do lar celestial.

Há poucas coisas se algumas, que são mais importantes do que ver claramente estas distinções vitais entre a obra do primeiro serviço e do último. Aqueles que as compreendem não terão confusão sobre a questão da perfeição de carácter antes do julgamento.

Essencial é uma clara compreensão do que é o pecado. Muitos vêem o pecado como sendo nada mais do que a *culpa* daquilo que foi *feito*. Esta é uma compreensão superficial. O pecado não é apenas o que fazemos. Aquilo que nós somos é mais importante. O que fazemos é o fruto do que somos, assim o problema real a ser resolvido é o último, não o

primeiro. A não ser que se dê uma mudança daquilo que somos enquanto pecadores, e nos tornemos justos, então o carácter permanece pecaminoso e imperfeito.

Nenhuma verdade é mais plenamente ensinada nas Escrituras do que esta. Isto foi tratado muito exaustivamente nas nossas outras publicações, *Da Escravidão para a Liberdade, Confissão Aceitável, Justificado pela Fé*. Isto deixa-nos com a necessidade de fazer aqui apenas breves referências.

*Levítico 4:1-35* precisa ser cuidadosamente estudado até que estas verdades sejam implantadas na mente e experimentadas na vida. Elas estabelecem o modo pelo qual o pecado durante e através dos rituais diários, era transferido da pessoa para o santuário. Em resumo, o procedimento era como se segue:

O indivíduo, tendo tomado conhecimento do pecado na sua vida através do convincente ministério do Espírito Santo, trazia as suas ofertas à porta do santuário. Ali confessava a iniquidade sobre a cabeça da vítima e com a sua própria mão degolava-a. O sacerdote então tomava o sangue e transportava-o para o interior do véu onde o aspergia nas pontas do altar e perante o véu interior que separava o lugar santo do santíssimo. Deste modo o pecado, através do sangue, era transferido no tipo para o santuário.

Mas não era apenas a culpa que era levada. “O sangue, representando a *vida* que o pecador perdera, pecador cuja culpa a vítima arrostava, era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca contendo a lei que o pecador transgredira.” *O Grande Conflito*, 417.

Aquilo que o sangue representava no serviço típico, é literalmente transferido para o santuário no antítipo. Portanto, a *vida* do pecador é removida dele e colocada por sua vez no santuário onde permanece até ao grande dia da expiação final. Não é aqui feita referência à *vida física*, pois, se ela fosse removida, resultaria na morte *física*. Se assim fosse, então cada pessoa ao fazer a verdadeira confissão do pecado, finalizaria imediatamente a sua jornada terrestre.

Cada pessoa tem outra vida diferente da física. Esta encontra residência no corpo físico mas é distinta dele. Ou é a natureza espiritual má, da qual Satanás é pai, como Cristo declarou quando disse aos fariseus. “Vós tendes por pai ao diabo.” *João 8:44*. Ou é a natureza espiritual santa, da qual Deus é o Pai.<sup>2</sup> Fisicamente, nascemos dos nossos pais terrestres como toda a gente sabe, mas espiritualmente nascemos inicialmente de Satanás e retemos essa herança até sermos renascidos do nosso Pai celestial. Nos rituais antigos, esta entrada numa nova vida era simbolizada, não pelos serviços diários, mas pela Páscoa quando Israel foi libertado da escravidão.

Mas a partida do Egipto não lhes deu a entrada imediata em Canaã. Havia uma longa jornada entretanto, durante a qual tinham muito a aprender e a esquecer. Grandes mudanças tinham que ter lugar nas suas vidas. Esta é a obra da reforma que segue o renascimento e é destinada a remover aqueles aspectos da vida que são retidos depois da conversão básica. Eles são descritos como velhas “ideias e teorias, hábitos e práticas”. *Mensagens Escolhidas*, 1:128.

<sup>2</sup> Ver *Os Três Templos*, por F.T. Wright.

Estas coisas foram adquiridas, não de Satanás como nosso pai, mas dele como nosso *professor*. Elas têm sido tão profundamente inculcadas que fazem parte da construção da vida, e como tal, são uma impureza que não pode ser levada para o Céu. A revelação total destas coisas não vem num momento. A sua revelação e remoção é obra de uma vida. Foi por isto que o serviço diário foi instituído. Assim estão providos os meios pelos quais a pecaminosidade, ou vida, é removida com a culpa.

Remover este problema tão rapidamente quanto ele passe de um pecado de ignorância a um pecado conhecido, exige que o suplicante confesse não apenas o que fez, mas também o *que é*, e especificamente coloque isso sobre a inocente vítima, Jesus Cristo. Pela fé, ele sabe que a pecaminosidade e a sua culpa são removidas de modo que fica perante Deus como se nunca a tivesse tido, tão adequada e eficaz é esta obra de purificação.

Então do Salvador, recebe um novo princípio de vida no lugar do outro, de modo que o vácuo é preenchido com as doces graças do Espírito Santo.

“A religião de Cristo significa mais que o perdão dos pecados; significa *remover* nossos pecados e encher o *vácuo* com as graças do Espírito Santo. Significa iluminação divina e regozijo em Deus. Significa um coração despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do evangelho são cumpridas na vida. A aceitação do Salvador traz paz perfeita, perfeito amor, segurança perfeita. A beleza e fragrância do carácter de Cristo manifestadas na vida, testificam de que em verdade Deus enviou Seu Filho ao mundo para o salvar.” *Parábolas de Jesus*, 419, 420, (PJ 228.8.)

Notai que remover a culpa não deixa um vácuo, mas tirar a vida interior deixa. Este vazio deve ser cheio com as graças do Espírito Santo que são os positivos atributos do “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança”. *Gálatas* 5:22.

Assim, através deste processo, o crente torna-se transformado no carácter, e cresce à imagem de Cristo cada dia mais e mais. Por sua vez, está a ser preparado para passar o julgamento que determina “quem *está preparado* para o reino de Deus”, “quem está apto para participar da herança dos justos”, quem deve ser “provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante”. *O Grande Conflito*, 427; *Parábolas de Jesus*, 310; *O Grande Conflito*, 490.

Há uma relação inseparável entre a verdade que o pecado que é remetido para o santuário é muito mais do que meramente a sua culpa, mas é a sua própria vida, e a verdade que o padrão para o julgamento é a perfeição de carácter. Além disso, o ensinamento do santuário não permite outro padrão fora deste. Os factos seguintes confirmam estas verdades.

Os serviços diários são o único meio pelo qual, e durante o qual, o pecado é removido do pecador. Qualquer pecado que ainda reste quando essas provisões não mais forem válidas deve ficar com o pecador e nele enquanto continuar a existir.

Aqueles que entram no Céu têm que o fazer num estado sem pecado. Não podem transportar qualquer pecado consigo. Se o serviço diário apenas removesse a culpa, então nenhum homem jamais estaria apto para o Céu, porque nenhum outro serviço há pelo qual

o mal da sua natureza seja removido dele. É uma falsa e enganadora esperança esperar que quando Cristo aparecer, removerá estes males e defeitos. Isto não é assim. Tudo o que Ele faz então nessa altura é dar imortalidade ao corpo carnal, não transformar o carácter. Esta obra tem que ser totalmente efectuada durante estas horas de graça. Foi por este motivo que as seguintes palavras foram escritas pela inspiração.

“Estamos a preparar-nos para nos encontrarmos com Aquele que, acompanhado por um séquito de santos anjos, aparecerá nas nuvens do céu para dar aos fiéis e justos o toque final da imortalidade. Quando Ele vier não vem *purificar-nos dos nossos pecados*, para remover de nós os defeitos do nosso carácter, ou para curar as *fraquezas* do nosso *temperamento* e *disposição*. Se esta obra for realizada em nós sê-lo-á totalmente antes desse tempo. Quando o Senhor vier, aqueles que são santos, santos sejam. Aqueles que preservaram os seus corpos e espíritos em santidade, em santificação e honra, receberão então o toque final da imortalidade. Mas aqueles que são injustos, não santificados, e impuros assim permanecerão para sempre. *Nenhuma* obra será *então* feita por eles, para remover os seus defeitos e lhes dar carácter santo. O Refinador não prossegue a Sua obra de purificação e remoção dos seus pecados e sua corrupção. *Tudo isto* tem que ser feito durante o tempo de graça. É *agora* que esta obra deve ser realizada por nós.” *Testimonies*, 2:355.

Conclui-se então que o padrão para passar o julgamento é o mesmo para entrar no Céu. Não é possível crer no santuário ensinando e defendendo outro ponto de vista. O serviço diário é o único meio durante o qual Cristo é capaz de separar o pecado da pessoa do pecador.

A obra do diário era seguida pela anual. Lede *Levítico* 16 cuidadosa e atentamente, porque ali está revelado em tipo o ministério de Cristo na expiação final. O serviço realizado neste dia confirma ainda mais a verdade que toda a obra de perfeição de carácter deve ser realizada antes do julgamento.

Em resumo, o ritual era como se segue:

A uma determinada hora no décimo dia do sétimo mês, toda a congregação se reunia à volta do santuário. Os dez dias anteriores tinham sido passados em profundo exame de coração e confissão do pecado que podia ser continuado exactamente até à hora do próprio serviço.

Dois bodes eram apresentados à porta do tabernáculo, um dos quais era apontado para o Senhor e outro para bode expiatório, o símbolo de Satanás. Sobre a cabeça do bode designado para o Senhor nenhum pecado era confessado nesta altura. Ele era morto, e o sangue levado para o lugar santíssimo onde era aspergido perante a arca e sobre o propiciatório. Este sangue não transferia pecado *para* o santuário. Ele destinava-se a purificar o santuário *do* pecado. Assim, especificamente declara em *Levítico* que a expiação ou purificação era feita tanto pelo lugar santo como pelo santíssimo.

“Assim fará expiação pelo lugar santo, (o lugar santíssimo como é normalmente chamado), por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação (normalmente chamado lugar santo), que mora com eles no meio das suas imundícias.” *Levítico* 16:16.

Expição é purificação. Neste caso é purificação do pecado. Durante os serviços do ano, enquanto a graça continuava, havia uma constante corrente de pecados trazida *pelo* povo e depositada *no* santuário. Por este meio o povo era purificado e liberto do pecado, mas a sua purificação significava manchar o tabernáculo.

Antes que o serviço anual pudesse começar, esta corrente de impureza tinha que cessar. Não podiam ser recebidas mais confissões. Então a corrente era invertida à medida que a acumulação da iniquidade era tirada do templo e colocada no bode expiatório para a libertação final. Somente depois disso era ela considerada totalmente separada do povo.

Não havia modificações ou exceções a esta sequência de acontecimentos. O único meio pelo qual o pecado que estava no interior do crente podia chegar ao bode expiatório e depois à total e final destruição, era ser levado *primeiramente* ao santuário através do serviço diário e em seguida *do* santuário no serviço *anual*. Nenhum pecado podia passar *directamente* do pecador para o bode expiatório. Sendo assim, era essencial que todo o israelita assegurasse que todo o pecado tivesse sido enviado antes a julgamento.

O santuário com os seus compartimentos, sacerdócio, serviços, e adoradores, fora colocado no meio do acampamento para lhes ensinar e a nós estas verdades essenciais. A passagem dos séculos ter-nos-ia levado ao grande dia da expiação final. O julgamento dos vivos ainda não começou e não começará até que tenha sido sofrido o último teste.

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame.” *O Grande Conflito*, 490.

O tempo que vai até ao final do nosso tempo de graça, quer seja no ponto da morte ou no julgamento dos vivos, é o único período em que foram dados meios para a separação do pecado do indivíduo. Quando o fim do ministério diário de Cristo chegar, então qualquer pecado conhecido que ainda continue no interior deve permanecer aí para sempre. Para qualquer que tenha pecado, não há esperança de vida eterna.

Estes princípios foram apresentados por A.T. Jones:

“O serviço no santuário terrestre mostra também que, a fim de que o santuário possa ser purificado e o círculo do serviço do evangelho ali possa ser terminado, tem que ser acabado *primeiramente no povo*, que participa neste serviço. Isto é dizer; que no próprio santuário, a transgressão não podia ser finalizada, e dado um fim aos pecados e feita a reconciliação pela iniquidade e a justiça eterna não podia ser introduzida, até que tudo isto estivesse realizado em *cada pessoa* que tomava parte no serviço do santuário. O santuário em si mesmo não podia ser purificado até que cada um dos adoradores tivesse sido purificado. O santuário não podia ser purificado enquanto *pelas confissões do povo e intercessões dos sacerdotes fosse derramada* sobre o santuário uma corrente de iniquidades, transgressões e pecados. A purificação do santuário, como santuário propriamente dito, era a remoção do santuário de todas as transgressões do povo que, através do serviço dos sacerdotes, tinham sido levadas durante o ano para o santuário. E esta corrente tem que ser interrompida na sua fonte, ou seja nos corações e nas vidas dos adoradores, antes que o santuário possa ser purificado.

“Por conseguinte, a primeira obra na purificação do santuário era a purificação do povo. Isto era preliminar e essencial para a purificação do próprio santuário, para dar um fim à transgressão e introduzir a justiça eterna, ali, estava a finalização da transgressão, e o fim dos pecados, e a reconciliação pela iniquidade e introdução da justiça eterna *no coração e na vida de cada membro do povo*. Quando a corrente derramada sobre o santuário era assim interrompida na sua fonte, então, somente então, podia o santuário ser purificado dos pecados e das transgressões que, *do povo, pela intercessão dos sacerdotes*, havia sido levado para o santuário.

“E tudo isto era uma ‘alegoria para o tempo presente’ – a ‘figura do verdadeiro’. Portanto, somos claramente ensinados que o serviço do nosso Sumo sacerdote na purificação do verdadeiro santuário tem que ser precedido pela purificação de cada um dos crentes, a purificação de cada um que toma parte neste serviço do verdadeiro Sumo Sacerdote no verdadeiro santuário. É claramente mostrado que a transgressão tem que ser acabada, dado um fim aos pecados e feita a reconciliação por toda a iniquidade, e a justiça eterna introduzida na experiência do coração dos crentes em Jesus, antes que a purificação do verdadeiro santuário possa ser realizada.

“E este é o grande assunto do verdadeiro sacerdócio no verdadeiro santuário. Os sacrifícios, o sacerdócio, e o ministério no santuário, que eram apenas uma alegoria para o tempo presente não podia efectivamente tirar o pecado, não podia, portanto, tornar perfeitos os que vinham. Ao passo que o sacrifício, o sacerdócio e o ministério de Cristo no verdadeiro santuário retira verdadeiramente os pecados para sempre, tornando assim para sempre perfeitos os que vêm, *aperfeiçoando ‘para sempre os que são santificados.’*” *The Consecrated Way to Christian Perfection*, 117-119.

Assim, através dos ensinamentos da Sua palavra e o claro simbolismo do livro de lição do santuário, Deus tornou claro qual é o padrão para o julgamento.

É o Senhor que tornou claro qual é o padrão. Isto é necessário para silenciar as objecções prontas a aparecer. Uma muito comum é que se temos de chegar ao julgamento com um carácter perfeito em nós, então é certo albergar justiça própria. Isso transmite uma ilustração, está carregado, do fariseu que vem com a fronte levantada, orgulhosamente satisfeito por aquilo que *ele* alcançou e pelo que é. Parece que olha para si mesmo como sendo tão perfeito que pode rapidamente passar os requisitos da lei. Aqueles que vêem a perfeição de carácter nesta luz rejeitam-na com esta base.

O argumento parece lógico, mas é ele verdadeiro?

Não pode ser, pois Deus nunca estabelece uma verdade que produz um tal resultado.

Portanto, este é um resultado imaginado, não genuíno, desse ensinamento. Deve ser salientado outra vez que *foi Deus* quem tão plena e firmemente declarou que a perfeição de carácter deve ser possuída pelo povo em si mesmo antes de passar o exame escrutinador do julgamento. É cada pessoa que deve ser examinada pessoalmente, não alguém em seu favor ou lugar. De acordo com isto, se foi o Senhor do Céu que estabeleceu este requisito, que nenhum argumento seja levantado contra ele, porque fazê-lo é pôr em perigo a esperança da vida eterna. Se Deus diz que é assim, então assim é.

Nenhum dos filhos de Deus estará com altivez no julgamento. Todos virão desprovidos de suficiência-própria. Eles saberão que a perfeição que possuem não é uma obra propriamente sua, pois eles são a obra das mãos de Cristo. Ele é Aquele que os trará ao lugar onde estão preparados para passar o julgamento.

Por que motivo é tão importante que este padrão seja salientado se é a obra de Cristo alcançá-lo no homem? A resposta é que Cristo não pode realizá-la se alguém não compreende claramente isto e com fé e inteligência coopera com Ele na sua realização.

Aqueles que contestam o ensinamento que nenhuma perfeição de carácter é possível ou requerida no julgamento, apontam para o inútil esforço do povo do advento para alcançar este padrão. É verdade que tem sido um fracasso e o padrão não foi alcançado. Se tivesse, então o julgamento teria chegado, e a longa luta finalizada.

Mas a falha dos crentes em alcançar a perfeição não significa dizer que o padrão tenha que ser diminuído. Apenas quer dizer que aquilo que eles têm tentado alcançar está errado. Têm tentado fazer o que *está certo de modo errado*. Literalmente o povo do advento tem procurado a vida eterna guardando a lei, quando a vida eterna é o dom do único Dador da vida, Deus. A lei tem o propósito de preservar o dom uma vez recebido.

Para o modo de alcançar a perfeição recomendamos de novo as nossas outras publicações já mencionadas.

Foi dada agora consideração ao ensinamento do serviço do santuário. Ali, é com muito ênfase ensinado que a perfeição de carácter é essencial para passar no julgamento. Hoje, ainda é válida a única provisão pela qual o pecado pode ser removido da pessoa e colocado no santuário. Quando isso não mais estiver à disposição, então o julgamento começará. Qualquer pecado quer na forma de culpa ou natureza que ainda esteja na pessoa nessa altura, deve permanecer nela para sempre. Não há meio pelo qual possa de novo ser removido dela. Estar do outro lado do julgamento com pecado é estar privado da vida eterna.

## Exame de um Ensino Errado

Muito predominante é hoje o ensinamento que a interior perfeição de carácter não é possível. Somente Cristo tem isto, sendo a Sua perfeição tão imaculada que está para além do alcance de qualquer ser humano vesti-la com carne pecaminosa. De acordo com isto, é ensinado que, Deus, sabendo que é assim, aceita o carácter de Cristo no lugar da imperfeição do crente de modo que, de facto, o crente não é julgado, mas Cristo julgado em seu lugar.

Este é um conceito errado fatal, pois Cristo não fará uma coisa dessas. Recordai, como salientámos na primeira página, que o ponto discutido aqui é o *estado* em que o crente deve estar em *si mesmo* quando enfrentar o julgamento. Não se está a discutir os relatos do passado os quais Cristo realmente substitui pela Sua perfeita justiça. Toda a falsa doutrina é construída no fracasso de distinguir claramente entre uma obra e a outra, e então de ambas fazer apenas uma. Uma clara distinção deve ser mantida entre o perfeito carácter que cada um deve ter e o imperfeito relato do passado. Cristo não se colocará no nosso lugar a respeito do primeiro, mas Ele fá-lo a respeito do último. Na preparação deste estudo, deve ser mantida total atenção para esta distinção. Porém, não é um estudo de ambos os aspectos da obra de Cristo. É uma concentração no problema de determinar o *estado em que está*, no qual o vitorioso candidato à vida eterna deve ser encontrado no julgamento.

Para ajudar numa compreensão mais clara da verdade, uma análise será agora feita de uma apresentação do falso ensinamento que Cristo se coloca no lugar do crente no julgamento, oferecendo o Seu perfeito carácter em lugar do estado imperfeito do suplicante.

### A PORTA ABERTA - O CONVITE PARA ENTRAR

1. Em Apocalipse, capítulo três, versículo 8, o Senhor diz-nos, “Eis que diante de ti pus uma porta aberta”. E essa porta, tal como temos compreendido, e correctamente, é a porta do lugar santíssimo do santuário celestial. Essa porta foi aberta em 1844. Ora o que pretende o Senhor transmitir-nos quando diz: “Eis que diante de ti pus uma porta aberta?” Não é um convite para entrar? Para entrar onde? É um convite para entrar nesta experiência, amigos, uma eterna libertação do pecado.
2. Ora por que razão não entramos nós? Por que motivo não temos nós como um povo entrado nessa experiência? Muitos não entraram nessa experiência, suponho eu, por termos esta visão de perfeição: “Quando formos completamente perfeitos, então vamos ao julgamento dos vivos e obtemos o selo do Deus vivo.” Quantos anos levará para estarmos prontos? Não disse Jesus em 1844 com a Sua mão

levantada para o Céu, que não deveria haver mais tempo (ou demora)? Mas, já houve um atraso de cento e dezasseis anos porque nós temos tentado pôr em prática a nossa própria justiça, o desenvolvimento daquela justiça que passe o julgamento. E quantos mais anos pensais que necessitaremos para pôr em prática essa justiça? Não tem Jesus uma justiça perfeita? Não dá Ele a veste nupcial como um dom gratuito? Não estamos nós completos n'Ele? Leva muitos anos a alcançar essa justiça, amigos? A verdadeira aceitação do Senhor Jesus dá-nos a justiça de Cristo.

3. E por isso, Ele diz-nos: “Eis que diante de ti pus uma porta aberta.” “Não haverá mais demora.” E na confiança da justiça do Senhor Jesus que recebemos tal como O aceitamos como nosso Salvador pessoal, na confiança dessa justiça, amigos, somos convidados e encorajados a chegar-nos a esse santuário para suplicar perante o tribunal de Deus o selo do Deus vivo – o dom gratuito.

Não há nada que impeça esta igreja de se chegar e tomar posse da eterna vitória sobre o pecado. Esta obra pode ser abreviada em justiça. Em *Hebreus*, no décimo capítulo, o convite do Espírito Santo é feito: “Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário.” Isso significa ter autorização, liberdade, confiança, coragem. Por outras palavras nós podemos ter a coragem, que através da provisão que Jesus tem feito para nós podemos ter a ousadia de ir ao julgamento pela fé pedindo e agonizando antes que esse julgamento se inicie e tire das nossas vidas o domínio do pecado para todo o sempre, e nos dê uma eterna vitória sobre o pecado; para que enquanto os anjos estão segurando os quatro ventos da contenda possamos ser selados com o selo do Deus vivo; para que possamos receber do lugar santíssimo a chuva serôdia. Todos nós temos em Cristo a perfeita liberdade e privilégio para vir com fé ao julgamento juntamente com o povo de Deus agora e pedir uma eterna vitória sobre o pecado. A porta está aberta. O Espírito Santo convida-nos a entrar. Alguns olham para si mesmos e dizem, “Bem, como posso eu ir ao julgamento? Eu não tenho um carácter perfeito para passar o julgamento.” Oh que cegueira! É-nos dito para abrir o livro e olhar para nós mesmos? É-nos dito em *Apocalipse* que nenhum homem pode abrir o livro nem olhar para ele.

4. “Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus.” Ali no lugar santíssimo está um cordeiro, que foi morto. Chegamo-nos na confiança do Seu sangue que nos justifica de todos os pecados. “Pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne.” *Hebreus* 10:19, 20. Jesus tomou a nossa natureza. Ele desenvolveu um carácter perfeito. Ele é o precursor que entrou no lugar santíssimo. Este está na presença de Deus por nós. O nome do irmão Jones é chamado a julgamento. O irmão Jones aceitou Cristo como seu próprio Salvador, ele está escondendo a sua vida n'Ele. Assim Jesus virtualmente se levanta no julgamento e diz, “Eu sou o irmão Jones”. E à lei que virtualmente diz, “Eu quero um carácter perfeito”, Jesus apresenta-se ali e diz, “Aqui está o perfeito carácter”, E assim nós podemos ir a julgamento através do novo e vivo caminho que Ele consagrou.

Robert D. Brinsmead, *Perfection Through the Sanctuary Service*, 25-27, apresentado em College Place, Washington, 1960.<sup>3</sup>

No exame dos pontos principais e argumentos deste testemunho, não há qualquer acusação levantada contra o autor. Não estamos preocupados com os seus motivos ou carácter mas unicamente com o ensinamento. Não temos o direito de examinar o primeiro.

---

<sup>3</sup> Vede Apêndice.

A obra de julgar o carácter pertence unicamente a Deus, mas é a nossa determinar se um ensinamento é verdade ou erro, e porquê.

Os números na margem não são originais. Eles foram colocados para nos indicar qual o ponto a ser discutido.

1. O argumento abre com o testemunho que Jesus nos convida a entrar através da porta aberta para o lugar santíssimo do santuário celestial. Isto é verdade, e é também verdade que o convite de Cristo é para entrar numa experiência pessoal. Assim a apresentação é lançada de uma plataforma de verdade. Aquilo que devemos observar agora é o que o escritor declara que a experiência é. É uma experiência que deve ser obtida, ou é outra? Está ela a oferecer demasiado, muito pouco, ou outra coisa diferente?

2. Em seguida é afirmado que o povo do advento não entrou nesta maravilhosa bênção por causa de terem uma visão errada daquilo que devem ser antes de poderem entrar. Essa visão errada, é afirmado, que é a perfeição de carácter que deve ser alcançada antes do crente poder entrar no lugar santíssimo do santuário celestial e receber os benefícios da expiação final. Esta bênção, ensina o escritor, é a vitória final sobre todo o pecado. Portanto, é argumentado, chegou o tempo para deixar de tentar desenvolver uma justiça aceitável à lei, e ousadamente entrar aqui e agora, para receber os prometidos benefícios da completa justificação.

Assim é negado que a perfeição é o padrão requerido para o julgamento. Em vez disso, cada um deve vir tal como é sem esperar mais. Jesus está pronto a imputar a Sua justiça para cobrir toda a imperfeição do crente e desse modo assegurar-lhe a imediata e total libertação de todos os pecados. “Nada há”, alega-se, “que impeça a igreja de vir e se apodere da eterna vitória sobre o pecado”. A vitória referida é a vitória que é obtida através do ministério da expiação final.

Examinemos agora este assunto à luz das Escrituras e do santuário. É claramente compreendido que quando é feita referência à entrada no lugar santíssimo, está realmente a referir-se à entrada no julgamento dos vivos. Esta entrada, não deve ser confundida com a obra especial da purificação que é ministrada do lugar santíssimo antes do início do julgamento dos vivos.

O fracasso em fazer esta distinção levanta-se do facto que poucos compreendem que há uma diferença entre o dia da expiação e o serviço desse dia. O dia era de uma tarde a outra tarde e ocupava vinte e quatro horas completas. O próprio *serviço* do dia ocupava somente uma parte dele. No dia da expiação exactamente até o serviço começar, havia um completo ministério diário válido, de modo que, se necessário, uma pessoa podia ainda trazer os seus pecados nesse dia até que a expiação final começasse realmente. Que isto era assim é tornado claro nas Escrituras.

“E no dia dez deste sétimo mês tereis santa convocação, e afligireis as vossas almas: nenhuma obra fareis.

“Mas por holocausto, em cheiro suave ao Senhor, oferecereis um bezerro, um carneiro e sete cordeiros dum ano: Ser-vos-ão eles sem mancha.

“E, pela sua oferta de manjares de flor de farinha misturada com azeite, três décimas para o bezerro, duas décimas para o carneiro,

“E uma décima para um cordeiro, para cada um dos sete cordeiros;

“Um bode para expiação do pecado, além da expiação do pecado pelas propiciações, e o holocausto contínuo, e a sua oferta de manjares com as suas libações.” *Números 29:7-11*.

Estes versículos provam que no grande dia da expiação, era mantido um completo serviço diário. Havia a completa provisão do holocausto, da oferta de manjares (farinha), e a oferta pelo pecado, além da oferta pelo pecado da expiação final.

No antítipo este sistema é reproduzido. Em 22 de Outubro de 1844, começou o grande dia de expiação, e tem prosseguido desde então. Nesse dia, Cristo entrou no lugar santíssimo e iniciou ali o Seu ministério. Mas a expiação final não começou nesse dia excepto para aqueles que tinham morrido antes. Um ministério diário completo é ainda oferecido aos vivos e continuará a ser até que a expiação final comece para cada um deles. Para os vivos, isso está ainda no futuro. Para os mortos, começa no ponto da morte.

Em 1844 e desde então, o povo de Deus tem sido chamado a entrar no lugar santíssimo pela fé. Fazem isto seguindo o seu Sumo Sacerdote no Seu ministério ali, compreendendo a Sua obra e respondendo à grande luz emanada do ministério neste compartimento. Isto foi planeado para efectuar uma grande obra neles, uma transformação que ocuparia um período de tempo. Quando essa obra fosse completada, estariam prontos para entrar na segunda fase do ministério no lugar santíssimo – o julgamento.

A distinção entre estas duas obras precisa ser claramente mantida em mente. A primeira é uma obra *dentro* dos próprios crentes pela qual serão trazidos a um estado de aptidão para a trasladação, e a segunda é o julgamento que determina que esta condição foi alcançada. As ideias estabelecidas na citação em estudo procuram passar por alto a primeira como desnecessária. Ali, as ideias estão erradas.

A história do período de 1844 mostra a verdade destas distinções. Antes da abertura do ministério de Cristo no compartimento interior, o povo de Deus tinha estado ocupado na mais intensa preparação para a vinda de Cristo. Tinham abandonado todo o pecado conhecido, feito uma total consagração e um serviço completo, e esperavam ser trasladados para o Céu. Mas não foram porque não compreenderam todas as implicações da obra a ser realizada antes de poderem estar prontos.

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade. Mas estavam de novo destinados a ser tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os efeitos da maldição nunca pareceram mais visíveis do que então. Haviam posto suas afeições no Céu, e com doce antegozo provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” *Primeiros Escritos*, 239.

Uma tremenda obra de santificação tinha sido efectuada dentro desses crentes, e eles confiantemente esperavam ser trasladados, mas havia uma razão pela qual isto não podia ser feito por eles.

“O povo, porém, ainda não estava preparado para encontrar-se com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparo a ser por eles cumprida. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente ao templo de Deus, no Céu; e, ao seguirem eles, pela fé, ao Sumo Sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja.” *O Grande Conflito*, 423.

O povo que viveu antes de 22 de Outubro de 1844, nada recebeu da luz a ser ministrada do lugar santíssimo. Tinham recebido a luz do primeiro compartimento e ela operou uma maravilhosa obra nas suas vidas, mas não tinha sido realizado o suficiente para os capacitar para a transladação. Eles tinham que passar para a luz adicional do compartimento seguinte de modo que pudessem ter a preparação seguinte que os prepararia para um lugar no reino. Quando essa preparação estivesse completa então podiam entrar no julgamento e ser declarados aptos para a transladação.

O povo do advento não estava engando quando compreendeu que perfeição de carácter é o padrão pelo qual devem ser julgados. Que este padrão não tenha sido alcançado é falta do povo que falhou em compreender e aplicar o modo correcto de o alcançar.

3. Há considerável e convincente lógica no argumento. Quando se acredita que perfeição de carácter não é o requisito do julgamento, então é lógico concluir que o povo pode entrar nele em qualquer altura. Isto estaria correcto. Consequentemente uma conclusão forte é tirada disto. Tendo declarado que é um erro passar longos e difíceis anos tentando alcançar a perfeição quando ela é desnecessária, o escritor então tenta persuadir os seus ouvintes a chegarem-se directa e imediatamente a Cristo para receber os benefícios da expiação final.

Hoje, o mesmo autor acredita com maior ênfase que é impossível qualquer pessoa ter perfeição de carácter interior; que é uma condição reservada a Jesus Cristo que credita a Sua abundante justiça na conta do crente. Contudo, algo da consistente demonstração de 1960 desapareceu, pois já não há qualquer convite para entrar imediatamente e receber a munificente bênção.

Que a doutrina é um argumento enganador prova-se pelo testemunho do tempo. Houve milhares de pessoas que completamente a subscreveram teoricamente quando ela foi pregada há dezoito anos. Juntaram-se em assembleias por todo o mundo e seguiram as instruções do pregador para entrarem. Mas não receberam a bênção que procuravam porque não podiam. Era inteiramente necessário que a obra especial da purificação fosse efectuada primeiro, pois sem ela, nenhum homem pode estar preparado para o julgamento.

4. Uma ilustração é provida de modo que não pode haver engano quanto ao pensamento do escritor. O irmão Jones é o assunto desta história. Ele apresenta-se a si mesmo a julgamento com um carácter imperfeito que não pode passar o escrutínio da lei. Mas ele não desanima por causa disto, pois espera que Cristo responda em seu nome, e assim a lei julgará Cristo em seu lugar. Deste modo crê que passará o julgamento.

Há alguma verdade nisto. Todos vêm com um registo de pecado. Cristo substituirá com a Sua perfeita justiça o seu imperfeito passado. Mas um registo do pecado não é um carácter

pecaminoso. O argumento que a história do irmão Jones pretende defender é que Cristo substituirá com o Seu perfeito *carácter* o *carácter* imperfeito do suplicante.

Cristo não fará isto. Além disso, é denegrir o Seu poder e ministério sugerir uma doutrina como essa.

Cristo tem um concerto com o Pai que foi feito antes dos fundamentos da Terra serem lançados. Neste concerto, Cristo concordou em tomar homens pecaminosos e transformá-los em seres preparados para a inspecção de Deus que não permitirá a entrada no Céu a qualquer que tenha mancha, ruga ou coisa semelhante.

Cristo tem poder para fazer isto, e Ele fá-lo-á. No julgamento Ele não terá razão para ser envergonhado pela Sua obra no homem. Ele não necessitará de pedir ao Pai que não examine o irmão Jones. Pelo contrário, Ele poderá dizer que o irmão Jones é obra Sua, um homem que, através do poder salvador de Jesus, foi preparado precisamente para esse exame. Ele, então confiantemente submeterá o irmão Jones ao exame mais profundo sabendo que a Sua obra é também capaz de passar essa investigação. Nenhuma pessoa que Cristo preparou para o julgamento falhará em passar.

Mas sugerir que Cristo tem que pedir a Deus que não examine a Sua obra no homem por causa das suas imperfeições, é denegrir o maravilhoso poder do Salvador, o maravilhoso e inteiramente adequado ministério do nosso Grande Sumo Sacerdote. Que ninguém seja culpado de tal insulto às suas Divinas Majestades.

“Deus tomou providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-las-á para todos quantos não interpuseram uma vontade perversa, frustrando assim Sua graça.” *O Maior Discurso de Cristo*, 76.

Esta providência deixa o irmão Jones sem desculpa. Ele é representado como vindo ao julgamento sem a veste nupcial e quando o Rei pergunta porque é que isso acontece, ele não pode responder.

As Escrituras tornam claro que é a própria *pessoa* que é julgada, não alguém em seu lugar.

“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus,

“O qual recompensará cada um segundo as suas obras;” *Romanos* 2:5, 6.

“Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.” *2 Coríntios* 5:10.

“Justiça é fazer o bem, e é pelos actos que todos serão julgados. Nosso carácter é revelado pelo que fazemos. As obras mostram se a fé é genuína.” *Parábolas de Jesus*, 312.

“Embora todas as nações devam passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.” *O Grande Conflito*, 490.

A respeito do carácter, haverá apenas uma pergunta que será feita no julgamento.

NÃO SERÁ: É ele um membro da Igreja Remanescente?

NEM: Acreditou ele em todas as doutrinas?

NEM: Está a sua vida escondida em Cristo?

NEM: Está ele triste por causa dos seus pecados?

NEM: Está ele agonizando pelo apagamento dos pecados?

NEM QUALQUER OUTRA SENÃO ESTA: “A única pergunta feita no juízo, será: ‘*Foram eles obedientes aos Meus mandamentos?*’” *Obreiros Evangélicos*, 315.

Considerando que aquilo que *fazemos*, correctamente avaliado, é a revelação daquilo que *somos*, então: “Tem ele um carácter perfeito?” é a mesma pergunta. Essa é a pergunta pela qual a vida eterna será determinada.

## Josué e o Anjo

A verdade que a perfeição é o padrão para o julgamento é confirmada por muitos testemunhos claros, pelo ensinamento dos rituais do santuário, e por parábolas. O exame destas evidências não foi exaustivo, mas evidências suficientes foram apresentadas para iniciar o estudante no seu próprio estudo confirmando esta questão vital.

A evidência com a qual este estudo começou foi encontrada na parábola das bodas em *Mateus 22*. Mas esta não é a única que trata das bodas. Há a parábola do Velho Testamento de Josué e o Anjo relatada em *Zacarias 3:1-10*.

Quando as duas parábolas são consideradas, parece que uma contradiz directamente a outra. A parábola das bodas afirma que o crente deve estar na festa nupcial com a veste quando vem o julgamento, mas a outra representa-o aparecendo com vestes sujas que simbolizam o carácter defeituoso. Quando se pediu a um forte defensor da doutrina que a imperfeição de carácter é suficiente para o julgamento, explicasse esta aparente contradição, não foi capaz de o fazer. Apontou Josué e o Anjo e declarou que isto confirma que o crente realmente vem com um carácter imperfeito, mas quanto a explicar *Mateus 22*, confessou não ser capaz de o fazer.

Todavia, não há realmente contradições na Bíblia. Elas não existem. Parecerá que assim é por causa do estudante não ter ainda chegado à compreensão de toda a profundidade da verdade espiritual. Paciente e confiante espera que o Senhor leve tudo isto à perfeita harmonia.

Verdadeiramente, não há mistério entre os testemunhos dados em *Mateus 22* e *Zacarias 3*. É apenas uma questão de ver o que as Escrituras realmente dizem e concordar com as mensagens aí contidas, relacionadas com as outras verdades das Escrituras. Qualquer um, se bem que apegado à ideia que o crente vem ao julgamento com um carácter defeituoso, não terá esperança de reconciliar as duas. Porém, crer que o candidato à vida eterna vem num carácter perfeito, é a base para compreender a harmonia entre estas duas revelações da verdade.

A parábola de Josué e o Anjo é mais uma lição a respeito do serviço do santuário. Não é a primeira lição. Portanto, deve ser compreendida à luz do santuário e não do santuário à luz da parábola. Evidentemente, à medida que ela lança mais luz sobre o santuário, dar-lhe-á ainda maior clareza, mas não é o ponto de partida.

Aqui está a parte principal da parábola.

“E Me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opôr,

“Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreende, ó Satanás; sim o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreende: não é este um tição tirado do fogo.

“Ora Josué, vestido de vestidos sujos, estava diante do Anjo.

“Então falando, ordenou aos que estavam diante dele, dizendo: tirai-lhe estes vestidos sujos. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos.

“E disse Eu: ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E o vestiram de vestidos; e o Anjo do Senhor estava ali.” *Zacarias* 3:1-5.

Há três tipos de carácter principais, Josué, Satanás, e o Senhor. Cada um é representado como desempenhando um papel demonstrando a natureza da sua posição e obra. Josué está vestido de vestidos sujos, o símbolo de um carácter defeituoso, enquanto Satanás apresenta insistentemente a sua acusação contra ele procurando assim desencorajá-lo de assegurar a purificação necessária. O Senhor repreende o acusador e manda que se substituam as vestes sujas por limpas.

A mensagem que a parábola pretende ensinar acima de qualquer outra é o carácter de Satanás o acusador dos irmãos, e a maravilhosa capacidade do Salvador para silenciar as suas acusações.

A parábola tem uma aplicação *tanto* para o serviço *diário* como para o *anual*. É necessário compreender a força peculiar da sua mensagem na expiação final. Em *Testemunhos Selectos* 2:173-175 é dada uma clara explicação sobre a forma como a parábola se relaciona com a experiência diária. Este testemunho traça claramente os papéis desempenhados pelo suplicante, Satanás, e o Senhor no serviço diário, como revelado na parábola de Josué e o Anjo.

“Como Satanás acusou a Josué e seu povo, assim em *todos os séculos* acusa os que buscam a misericórdia e favor de Deus.” *Testemunhos Selectos* 2:172.

Esta frase assegura que a lição não deve ser limitada aos últimos dias, mas é aplicável a todas as eras. Todos os homens que têm vindo a Cristo a têm experimentado, porque ela não está limitada àqueles que passarão vivos o julgamento dos vivos.

“O conflito repete-se em relação a toda alma que é salva do poder do mal e cujo nome se acha registado no livro da vida, do Cordeiro. Nunca ninguém é recebido da família de Satanás na família de Deus, sem suscitar a determinada resistência do maligno.” *Idem*.

A principal arma de Satanás para desviar o povo de Deus do Seu salvador ministério é desencorajá-lo com o pensamento que os seus pecados são demasiado grandes para serem perdoados. Ele aponta para as suas vestes sujas, o seu carácter defeituoso, e argumenta que o puro e imaculado Deus nunca pode receber essa iniquidade. É verdade que estas vestes estão manchadas de pecado, e nesta condição o suplicante está perante o Senhor.

“Mas Jesus, nosso Advogado, apresenta um eficaz rogo em favor de todos os que, mediante arrependimento e fé, a Ele confiaram a guarda da sua alma. Defende-lhes a causa e derrota seu acusador, com os poderosos argumentos do Calvário. Sua perfeita obediência à Lei de Deus, mesmo até à morte de cruz, conferiu-Lhe todo o poder no Céu e na Terra, e Ele pleiteia de Seu Pai misericórdia e reconciliação para o homem culpado. Ao acusador de

Seu povo diz Ele: ‘o Senhor te repreenda, ó Satanás. Estes são aquisição de Meu sangue, tições apanhados do fogo.’ Os que com fé n’Ele confiarem, receberão a confortadora certeza: ‘Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos.’ Todos os que vestiram as vestes da justiça de Cristo, estarão perante Ele como escolhidos, fiéis e verdadeiros. Satanás não tem poder para arrancá-los da mão de Cristo. Nenhuma alma que com penitência e fé reclamou Sua protecção, permitirá Cristo que passe para o poder do inimigo.” *Testemunhos Selectos 2:174.*

Aqueles que compreendem a obra de Cristo no serviço diário reconhecerão esta transacção. O pecador chega à porta do tabernáculo transportando consigo sua vida pecaminosa. Esta é a iniquidade simbolizada pelos vestidos sujos. Em forte fé, confessa este problema e entrega a velha pecaminosidade a Jesus, o Sumo Sacerdote. O Salvador então tira dele os vestidos, e em troca, dá-lhe o Seu carácter imaculado.

Nesta obra, os vestidos sujos, o carácter defeituoso, são tirados dele. Portanto, eles não mais são *dele* nem estão nele. É impossível tirá-los *dele* e ao mesmo tempo deixá-los lá. Eles são removidos para o santuário até ao dia da expiação final.

Esse serviço faz providência para a posterior remoção dos pecados da pessoa tirando-os do santuário e colocando-os no bode expiatório, Satanás. Esta é a última coisa que ele deseja ver acontecer. Portanto, ele opera sem cessar para impedir tal facto. Para ser bem sucedido, ele inicialmente impede o pecado de alcançar o santuário durante o serviço diário, ou, se falhar ali, tem que impedir que ele seja tirado do santuário para si mesmo no serviço anual. Ele tem que o desviar de novo para o indivíduo. Assim, se falha na primeira fase, ainda tem a segunda. Se falhar nas duas, então está condenado a receber os pecados e é forçado a transportá-los para os fogos da destruição final.

É porque Satanás tem ainda um papel participante na cena do julgamento, que a parábola de Josué e o Anjo tem aplicação neste acontecimento.

Então “A visão de Zacarias, relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força peculiar à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação”. *Testemunhos Selectos 2:174.*

De novo nesse dia, Satanás apontará para os seus vestidos sujos, os defeitos de carácter, e de novo, Cristo tirará esses vestidos sujos e colocará em seu lugar as vestes de imaculada justiça. A linguagem usada para descrever esta obra final é a mesma usada para descrever o primeiro ministério. Mas há diferenças, que podem ser imediatamente vistas se a natureza da obra do santuário é mantida claramente na mente.

Quando o archi-inimigo levanta o seu dedo acusador para as suas imundas vestes, tem que apontar *para onde elas estiverem* nessa altura. Se a pessoa ainda as tiver, é para ela que ele dirige as suas acusações, mas quando aquelas vestes tiverem sido removidas para o santuário, então ele tem que dirigir as suas acusações para ali. No diário, ele aponta para os seus vestidos sujos. Também faz isto no julgamento, mas é para dois lugares diferentes que ele aponta em cada caso.

Contudo, embora os lugares para os quais ele dirige as suas acusações sejam diferentes, as técnicas que emprega para alcançar o seu propósito é a mesma. É assim, porque os passos que o povo de Deus tem que dar são os mesmos em ambos os casos.

Para o povo receber o ministério do serviço diário tem que:

Compreender o problema que enfrenta; isto é, têm que saber que estão trajados com as vestes sujas e precisam de uma mudança de vestidos;

Estar a par do poderoso ministério de Cristo, Sua posição, e obra no santuário celestial;

Crer completamente que Cristo é capaz de satisfazer as suas necessidades;

Chegarem-se a Ele e entregar-Lhe toda a obra.

Somente então pode Ele remover os seus vestidos sujos e dar-lhes vestidos novos. Satanás compreende este procedimento e vê nele a oportunidade para frustrar estes propósitos. Reconhecendo o factor chave que o povo conheça, creia, venha, e entregue, opera com desesperada determinação para impedi-los de o fazer. Com aquelas almas sobre quem ele é bem sucedido, não tem mais preocupação, pois sabe que tão seguramente como os seus pecados nunca chegarão ao santuário, assim com certeza nunca irão para si.

Os mesmos procedimentos de fé necessários para assegurar as bênçãos do primeiro compartimento são necessários para obter os benefícios da expiação final. Isto dá então a Satanás a oportunidade para contestar, com os mesmos métodos que usou disputando no serviço diário.

Ninguém pode receber os benefícios da expiação final a não ser que compreenda a sua necessidade. Isto é muito importante. Entre o crente e a vida eterna está a satisfatória colocação dos seus pecados acumulados no santuário. Se não for feita expiação final por eles e em seguida transferidos para o bode expiatório, ser-lhe-ão devolvidos. Se forem devolvidos, voltarão a tornar-se uma parte do crente, impedindo-o assim de jamais entrar no Céu. Consequentemente, a sua necessidade não pode ser mais crítica. O que torna o problema mais difícil é o facto que ele é incapaz de os remover então por si mesmo. Ele não pode ascender ao Céu e fazê-lo. Assim, depende de outra pessoa para o fazer por si. Há apenas uma Pessoa e essa é Cristo.

Uma tal dependência não é fácil sob as circunstâncias que então prevalecerão. Requererá uma fé capaz de suportar a maior pressão possível. Satanás não está mais ansioso de se livrar destes pecados do que os justos. Portanto, enquanto eles estão a exercer a maior luta espiritual para ter a certeza de que não os receberão de novo, Satanás está a exercer todo o seu poder para ter a certeza que eles os receberão. Este é o assunto em debate no serviço anual.

Saliente-se que Satanás não estará de modo algum preocupado acerca de qualquer pessoa, que nesta altura, ainda tenha pecados conhecidos por confessar em si. Ele sabe que essa pessoa, tendo falhado em aproveitar-se das provisões do serviço diário enquanto elas ainda são válidas, não tem outra provisão para onde se voltar a fim de ter esses pecados removidos uma vez que a porta do santuário está fechada. Esses pecados não podem passar directamente do pecador para Satanás, e, quando a porta da graça estiver fechada, eles não mais podem chegar a Satanás pelo santuário, pois, tal transferência não mais terá lugar. É por isto que a doutrina da imperfeição do carácter como requisito do julgamento é uma tal heresia mortal. A experiência da pessoa não chegará mais alto do que a sua fé. Se uma pessoa é ensinada a crer que chegará ao julgamento possuindo um carácter imperfeito, então é assim que chegará lá, com os seus pecados fazendo parte integral de si.

A sua alma então será torturada com a terrível compreensão que tem uma carga de pecados nas suas mãos sem ter lugar para onde os enviar. Saberá então que está eternamente perdida como resultado de aceitar uma doutrina enganadora.

Por outro lado, aqueles que enviaram os seus pecados para o santuário receberão a total concentração da preocupada atenção de Satanás. Ele sabe bem que, a menos que possa quebrar a sua fé na expiação final do ministério de Cristo, perderá inteiramente a batalha. A chave para o seu sucesso e, de facto, o único meio para o qual ele pode ser bem sucedido é quebrar a sua fé. Para alcançar isto tem que os persuadir que o seu caso está perdido; que o testemunho das circunstâncias providas na terrível acumulação da sua miserável iniquidade, nega que há qualquer esperança que o puro e imaculado Redentor possa tomar conta de tal impureza. Ele apresentará o seu caso com grande determinação e perícia, sabendo que para ele, esta é a oportunidade final. Ou perde tudo ou ganha tudo.

Organiza o seu assalto apontando para as suas vestes sujas. Mas ao fazê-lo ele tem que apontar e apontará *para onde essas vestes estiverem* nessa altura – *no santuário*, no Céu. Elas não mais estarão na própria pessoa. Portanto, Satanás não está a colocar qualquer problema acerca da condição na qual o próprio povo se encontra nessa altura. Eles estarão vestidos com as vestes nupciais, que os capacita para passar no julgamento, e ele sabe isto. Ele compreende que é desnecessário argumentar sobre este facto. Mas ele e os crentes sabem que as vidas que viveram estavam longe de ser justas, então aponta-os não como estão nessa altura, mas como estavam antes de se iniciar o julgamento. Notai como, na profecia inspirada do seu comportamento, ele é citado apontando para a pecaminosidade do passado sem fazer menção da perfeição do presente.

“O tentador está ao seu lado para os acusar, como esteve ao lado de Josué, para lhe resistir. Aponta às suas vestes imundas, seu carácter defeituoso. Apresenta sua fraqueza e descaminhos, seus pecados de ingratidão, sua dessemelhança de Cristo, *a qual desonrou seu Redentor*. Esforça-se por assustar a alma com o pensamento de que seu caso não tem esperança, que a mancha de seu pecado jamais será lavada. Tem esperança de assim destruir-lhes a fé, para que cedam a suas tentações, volvam as costas à sua aliança com Deus e recebam o sinal da besta.

“Satanás insiste perante Deus com suas acusações contra eles, declarando que por seus pecados perderam o direito à protecção divina, e reclamando o direito de destruí-los como transgressores. Pronuncia-os tão merecedores como ele mesmo, de exclusão do favor de Deus. ‘São estas,’ diz ele, ‘as pessoas que não de tomar meu lugar no Céu e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Embora professem obedecer à lei de Deus, *têm porventura guardado os seus preceitos?* Não têm sido amantes de si mesmos, mais do que de Deus? Não *colocaram* seus próprios interesses acima do serviço? Não *amaram* as coisas do mundo? Eis os pecados que lhes *assinalaram* a vida. Eis o seu egoísmo, sua maldade, seu ódio uns para com os outros.’” *Testemunhos Selectos 2:176, 177.*

Satanás não aponta qualquer destes pecados no tempo presente. Ele não diz: “Embora professem obedecer à lei de Deus, *guardam porventura os seus preceitos? Não são amantes de si mesmos mais do que de Deus? Não colocam* seus próprios interesses acima do serviço?

*Não amam* as coisas do mundo? Eis os pecados que lhes *assinalam* a vida. Eis o seu egoísmo, sua maldade, seu ódio uns para com os outros.”

Não é este o modo como ele fala, pois sabe que nesta altura eles estão com as vestes nupciais de um carácter perfeito e nenhuma destas acusações é verdadeira. Não perde tempo nisto quando está preocupado *com o que eles foram*. É para isso que *ele* aponta, tudo aquilo que foi enviado de antemão a julgamento.

“Mas, conquanto os seguidores de Cristo *tenham cometido pecado*, não se entregaram ao domínio do mal. Abandonaram os pecados e buscaram o Senhor com humildade e contrição, e o Divino Advogado pleiteia em seu favor.” *Idem*.

De novo, a ordem é dada para que lhes sejam tiradas as vestes sujas e vestidas as vestes da justiça de Cristo. Em resposta, o carácter defeituoso, a pecaminosidade, a iniquidade, são removidas deles para sempre. Mas e este é o ponto importante, a pecaminosidade é removida do seu lugar no santuário não das suas pessoas. A remoção do pecado começou com a remoção do mesmo das suas pessoas e sua colocação no santuário, mas isto não completava a tarefa. O passo seguinte é removê-lo do santuário e colocá-lo no bode expiatório. Isto continua a ser tirar o pecado *deles* porque, por esta acção, ele é colocado mais longe. A obra final de tirar o pecado *deles* é entregá-lo juntamente com Satanás aos fogos destruidores. Então, a obra da remoção do pecado estará por fim completada. Parece haver uma limitada compreensão desta obra, porque muitos parecem crer que somente quando o pecado é removido deles pessoalmente, é este *afastado deles*. Falham em compreender que ao ser retirado do santuário, o pecado ainda está a ser retirado *deles*.

Não há contradição entre a parábola das bodas e a de *Zacarias* 3. A primeira ilustra como o povo de Deus estará *em si mesmo* no dia do julgamento, enquanto a última relata como ele estará nos *registos* do santuário. Quando o registo for limpo, a sua posição no santuário será então vestida com a perfeita justiça enquanto estão perante Deus como se nunca tivessem pecado. Satanás terá perdido os dois assaltos da batalha. No serviço diário terá falhado em impedir que as vestes sujas fossem tiradas do povo de Deus para o santuário, e no serviço anual terá de igual modo falhado em impedir que a mesma impureza seja tirada para mais longe ao ser removida do templo de Deus no Céu. O pior terá acontecido para Satanás quando os pecados forem lançados sobre ele, e é forçado a transportá-los ao deserto da destruição.

## Suplicando a Pureza de Coração

Alguns podem apontar *Testemunhos Selectos* 2:178, como prova que neste tempo o povo está preocupado com o afastamento do pecado de si pessoalmente. No testemunho lê-se, “Ao afligir o povo de Deus suas almas perante Ele, suplicando *pureza de coração*, é dada a ordem; ‘Tirai-lhe os vestidos sujos’, e proferem-se as palavras animadoras: ‘Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos’”. É argumentado que eles estão pedindo para transferir o pecado de si mesmos para o santuário; que a grande bênção que eles estão procurando no julgamento é a purificação das suas próprias almas. Doutro modo, porque suplicariam a *pureza de coração*?

A súplica por pureza de coração é uma condição prévia fundamental para receber a bênção do dia da expiação. Somente aqueles que enviaram todos os pecados antecipadamente a julgamento se acharão merecedores de receber o apagamento dos seus pecados do santuário celestial. Sabendo isto, cada filho de Deus nesse dia estará examinando o seu coração como nunca antes para se certificar a si mesmo que nada resta que precise ser purificado.

Ainda não chegou o tempo em que cada um saberá que o último pecado foi revelado e purificado de modo que possa confiantemente dizer, “Agora estou completamente limpo e estou portanto pronto para o julgamento”. Deus não opera desta maneira. *Progressivamente* o pecado é revelado. À medida que um problema é tratado o caminho é aberto para o seguinte. Mas quando um pecado em particular é vencido, o indivíduo não sabe se ele é o último ou não. Ele *sente* como se fosse, pois, nesse momento, não está consciente de mais profundezas a serem alcançadas. À medida que a progressiva obra avança, chega à compreensão que apesar da presente purificação estar completa, até ao ponto em que viu a dificuldade, haverá certamente mais a ser revelado e removido. Assim, no grande dia do julgamento, tendo-se familiarizado com este padrão, não terá modo de saber se a última coisa revelada foi removida. Receando que ainda existam profundezas de iniquidade por ver, a súplica por purificação de coração será muito honesta. O crente sabe que sem isso nunca pode enfrentar o escrutínio examinador do julgamento e ser declarado apto para a vida eterna.

## Em Conclusão

O juízo investigativo sobre a vida de cada pessoa que existe nesta terra está a chegar. Não há uma única alma que possa evitar passar por esse escrutínio. Com imparcial exactidão será medido o merecimento de cada indivíduo, calculando a oportunidade ganha ou perdida para obter a aptidão de carácter para um lugar na eternidade.

Hoje, milhões passam ignorando, e indiferentes a este encontro com o destino. Outros sabem que está vindo mas têm sido persuadidos que não precisam obter perfeição de carácter, pois Outro que tem absoluta perfeição, tomará o seu lugar.

Felizes na verdade são aqueles que sabem que estas coisas estão a chegar e sabem que o requisito é a perfeição de carácter. Mais felizes ainda são aqueles que, sabendo isto, têm fé viva para acreditar que o Senhor tomará na Sua mão esta obra de aperfeiçoamento para os apresentar “sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante”. *O Grande Conflito*, 490.

Não há hoje uma alma viva que esteja já preparada para o julgamento dos vivos. Será requerida toda a luz ainda a ser revelada sobre o ministério dos quatro anjos de *Apocalipse* 14 e 18, para penetrar até ao fundo do problema do pecado dos vivos da última geração. Não será senão quando toda a profundidade do pecado tenha sido, confessada e abandonada, que uma pessoa está pronta para passar o julgamento dos vivos. Cristo tem ainda uma grande obra a fazer do lugar santíssimo, mas Ele tem o poder para a fazer, e Ele realizá-la-á total e completamente antes do julgamento dos vivos começar.

Por outro lado, cada filho de Deus que abandonou cada pecado que o Senhor lhe revelou, de acordo com os princípios da confissão aceitável, está pronto para o julgamento dos mortos. Isto quer dizer que qualquer que vai para o seu repouso hoje com pecados ainda por revelar na sua vida, não falhará em passar no julgamento por causa disso. Deus não nos torna responsáveis pelos pecados desconhecidos. Estes são cobertos por Sua justiça e não manterão ninguém fora do reino.

Assim, num sentido, há diferença entre aqueles que enfrentam o julgamento dos vivos e os que enfrentam o julgamento dos mortos. Contudo, noutra sentido não há qualquer diferença. A diferença está apenas no grau, não na qualidade. Ambas as classes devem abandonar todo o pecado *conhecido*. Ambas têm que ter carácter perfeito no que diz respeito à luz que lhes foi revelada. Com aqueles que enfrentam o julgamento dos mortos, a obra é incompleta porque alguns pecados permanecem por ignorância, mas para aqueles que enfrentam o julgamento dos vivos a revelação tem que ser completa deixando-os no verdadeiro sentido da palavra, “sem mancha ou ruga ou coisa semelhante”.

Há, portanto, uma grande obra a ser feita por aqueles que estão determinados a herdar a vida eterna. Antes do dia da expiação começar no Israel antigo, dez dias eram passados em profundo exame de coração, durante os quais cada um, ajudado pelo Espírito Santo,

examinava profundamente a sua vida para descobrir cada pecado que precisava ser abandonado antes do grande dia da expiação chegar. Do mesmo modo, nesta grande hora antitípica do julgamento de Deus, cada um é chamado a examinar profundamente o seu coração e a sua vida para ver o que está entre si e a total perfeição de carácter. Esta é uma obra solene que ninguém pode fazer pelos outros.

Que estes factos solenes impulsionem todos a activamente levarem a cabo esta tarefa importante de modo que o grande e terrível dia do Senhor não apanhe alguém desprevenido.

“Vivemos hoje no grande dia da expiação. No cerimonial típico, enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que afligissem a alma pelo arrependimento do pecado e pela humilhação, perante o Senhor, para que não acontecesse serem extirpados dentre o povo. De igual modo, todos quantos desejem seja seu nome conservado no livro da vida, devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professos, deve ser deixado. Há uma luta intensa diante de todos os que desejam subjugar as más tendências que porfiam pelo predomínio. A obra de preparação é uma obra individual. Não somos salvos em grupos. A pureza e devoção de um, não suprirá a falta dessa qualidade em outro. Embora todas as nações devam passar em juízo perante Deus, examinará Ele o caso de cada indivíduo, com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra. Cada um deve ser provado, e achado sem mancha ou ruga, ou coisa semelhante.

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Actualmente, mais dos que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.’ ‘Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.’

“Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para vida, ou para a morte. O tempo da graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do céu. Cristo, no Apocalipse, prevendo aquele tempo, declara: ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.’” *O Grande Conflito*, 489, 490.

## Apêndice

Mais algumas notas para colocar em pleno foco o ensinamento errado que nos é impossível chegar à perfeição antes do julgamento. Comparai estes testemunhos com a Lei e o Testemunho.

“Vivemos na hora do julgamento de Deus. A lei exige de nós um carácter tão perfeito quanto Deus é perfeito. Há almas sinceras que confiam em Cristo para os justificar, mas imaginai que eles ou desenvolvem a derradeira verdade em perfeição de carácter antes do julgamento ou perder-se-ão... Que seja totalmente compreendido que Deus não espera que o Seu povo consiga chegar até ao fim da perfeição sem pecado antes de chegarem pela fé ao julgamento.” R.D. Brinsmead, *Tidings of Great Joy*, 15, 16.

“A purificação final *segue-se* ao julgamento. Que este facto seja firmemente estabelecido na mente. Ele esmagará quaisquer ideias que alguém possa ter acerca de obter absoluta perfeição em si mesmo antes do julgamento. A expiação final não é feita pelo crente até ele ser julgado. É aflição da alma e total e humilhação de si mesmo que merecerão recompensa como misericórdia do Juiz. Devemos suplicar perante o julgamento no tribunal de Deus por esta purificação final.” *Idem*, 22.

“Isto devia ser devidamente notado pois o povo de Deus não tem perfeição em si mesmo para oferecer no julgamento. O julgamento não determina quem alcançou a perfeição final (a derradeira, a absoluta, o apogeu, a total maturidade). O julgamento determina quem alcançará a derradeira e absoluta perfeição.” R.D. Brinsmead, *Australian Division Committee Report Reviewed*, 12.

“Uma ideia que prevalece é que quando o povo de Deus tiver alcançado a perfeição de carácter através dum processo de santificação, está então apto para o julgamento, cujo julgamento, pensa-se, meramente reconhecerá a sua perfeição de carácter perfeito e selá-lo-á para a eternidade.

“Mas este conceito do julgamento é a evidência da mais fatal cegueira na nossa compreensão de justificação pela fé. Como o leitor viu capítulo após capítulo neste livro aponta para os sérios erros alimentados na igreja de Deus, é-lhe pedido que considere que este falso conceito da obra de Jesus no lugar santíssimo é *a raiz* do erro; as outras discrepâncias são meramente as ramificações.” R.D. Brinsmead, *Weighed in the Balances*, 45.

“Se bem que o povo de Deus tenha posto de parte todo o pecado, *não estão* perfeitos perante o julgamento.” *Idem*, 47.

“Sem a expiação final do lugar santíssimo *seria impossível alcançar* a finalidade da perfeição moral.” R.D. & J.B. Brinsmead, *Open reply to the General Conference Committee*, 20 de Maio, 1961, página 12.

*Comparai* os primeiros cinco testemunhos com os testemunhos da Bíblia, Espírito de Profecia, Santuário, e dos homens de 1888, já dados no estudo *e por fim* com este:

*“Paulo alcançou a total estatura moral* de homem em Jesus Cristo. Que processo de desenvolvimento a sua alma passou! A sua vida foi uma contínua cena de sofrimento, conflito, trabalho.” *S.D.A. Bible Commentary 7:903.*